

## **Comunicabilidade, incomunicabilidade e o debate inter-religioso no Movimento Hare Krishna: uma interpretação possível<sup>1</sup>**

William de Araújo CORREIA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### **RESUMO**

Princípios de comunicabilidade e incomunicabilidade são o cimento responsável por conferir solidez ao discurso de grande parte das religiões. No Movimento Hare Krishna, contudo, essa relação parece transcender os padrões geralmente consubstanciados. Nesse ensaio teórico-reflexivo, buscamos discutir a estrutura da comunicação em diferentes instâncias articuladas como um dos fatores responsáveis pela capilaridade do Vaishnavismo – uma vertente do Hinduísmo. A inscrição de aspectos espiritualistas, pragmáticos e inter-religiosos em conjugação harmoniosa são apresentados à luz de interpretações que remontam ao debate a respeito da validade do discurso secular em oposição aos desígnios mais fundamentalistas de preservação da identidade religiosa e espiritual.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação e religiosidade; religião e comunicabilidade; Movimento Hare Krishna; comunicação e dialogicidade; hinduísmo.

### **INTRODUÇÃO**

Os estudos interseccionados entre comunicação e religião frequentemente caem no estigma de privilegiar o caráter evangelista de boa parte das doutrinas, vislumbrando esse aspecto como o de maior destaque quanto à comunicabilidade. Mas será sempre verdadeira essa perspectiva? Enquanto lugar comum para a sociedade e a cultura, as religiões parecem constituir experiências pautadas na aglutinação de identidades comuns. Tal constatação é suficiente para apreendermos que se, por um lado, os dogmas reverberam a indisposição para a comunicação, especialmente com “o alheio”, por outro são as tentativas de incursão secular que tornam as religiões terreno fértil para a investigação da questão comunicacional.

Para as religiões orientais e consideradas místicas, esse também é um ponto

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Mestrando em Comunicação pela UFG na linha de pesquisa Mídia e Cidadania.  
E-mail: [williamcorreia95@gmail.com](mailto:williamcorreia95@gmail.com)

delicado porque, desfavorecidas de visibilidade no ideário propagandista da grande mídia global que se estabeleceu no ocidente, elas se tornaram alvo de elocubrações conspiratórias e frequentemente falsas. Ainda que dotadas de um arcabouço religioso bastante consistente, resistindo ao lastro do tempo e da história, a sua presença rareada nos meios de comunicação e o deturpado direcionamento com que sempre foram tratadas pela cultura popular desenhou um borrão na imagem de tais correntes. Esse aspecto, porém, mudou com a ascensão da contracultura na década de 1960, do qual muito se beneficiou, por exemplo, o Movimento Hare Krishna.

Envolta por práticas devocionais peculiares, o Movimento Hare Krishna teve sua popularidade restrita ao território indiano por bastante tempo, mas a partir da segunda metade do século XX ganhou novo gás com o desembarque de seu então maior líder nos Estados Unidos da América. O alegado crescimento desse segmento religioso encontrou eco na forte mentalidade empresarial norte-americana, bem como na efervescência social pela qual todo o mundo vivia naquele período. Nada disso, contudo, teria envidado sucesso não fossem as estratégias comunicacionais sedutoras do movimento, além dos princípios de comunicabilidade bastante presentes em sua doutrina religiosa. É à investigação desses pontos específicos que esse breve ensaio teórico-reflexivo se dedica, lançando luz ao carisma e à incorporação do movimento pela cultura popular como fontes de sua capilaridade.

### **O Vaishnavismo Gaudiya e o a história do Movimento Hare Krishna**

A ISKCON (sigla em inglês para Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna), ou Movimento Hare Krishna, é uma tradição religiosa derivada do hinduísmo e relativamente recente. Foi institucionalizada como organização somente em 1965, quando seu fundador Srila Prabhupada desembarcou em Nova York, embora a crença geral da referida doutrina apregoe o seu surgimento há cerca de 5 mil anos porque os escritos religiosos em que se baseiam são datados desse período (ISKCON, 2015).

Os textos sagrados no qual os devotos do Movimento Hare Krishna se inspiram compõem o Bhagavad Gita, que consiste num extenso diálogo entre Krishna – a “Suprema Personalidade de Deus”, segundo o Gita – e seu primo e discípulo Arjuna no desenrolar de uma guerra familiar por poder, nominada *Batalha de Kuruksetra*. Conforme os eventos se desenvolvem, a conversa inicialmente tida com viés de orientação bélica se revela um profundo discurso filosófico a respeito de vida, morte e transcendência. É daí

---

que os hare krishnas reivindicam a fundação de sua linhagem espiritual.

Apesar disso, é a partir do século XV, segundo a tradição, que a devoção por Krishna se intensifica devido à revitalização do movimento por Chaitanya Mahaprabhu, conforme descreve a ISKCON (2015). Considerado santo, ele introduziu o canto dos nomes de Krishna na centralidade da doutrina religiosa, até então assentada em rígidos valores da ciência do serviço devocional (Bhakti-Yoga), que preconizava práticas consideradas duras demais por Mahaprabhu para serem colocadas em prática pelas pessoas de sua época.

Nos séculos seguintes, o Movimento Hare Krishna se manteve com pouco destaque, mas adquiriu força no final do século XIX através da construção de templos e edificação de instituições por toda a Índia. Também a sucessão discipular inscrita dentro dos princípios fundamentais será de extrema importância até Srila Prabhupada receber a herança da tradição por circunstância do falecimento de seu mentor espiritual, se tornando encarregado de levar os ensinamentos de Krishna para o restante do mundo:

Srila Prabhupada chegou a Nova York em 1965, com 69 anos. Nos 11 anos seguintes estabeleceu uma instituição internacional, guiou milhares de homens e mulheres, de diversas origens e nacionalidades, em suas vidas espirituais e ajudou a fazer de "Hare Krishna" uma frase familiar em todo o mundo. A ISKCON, desde então, tem crescido em uma confederação mundial de mais de um milhão de membros, a partir de uma variedade de origens. Hoje existem mais de 400 templos Hare Krishna em seis continentes. (ISKCON, 2015, p. 2)

O Movimento Hare Krishna também se destaca no campo religioso por derivar do Hinduísmo, mas subverter um de seus principais alicerces: o politeísmo. Contrariamente à crença em diferentes deuses ou entidades superiores, os hare krishnas integram uma corrente monoteísta conhecida como Vaishnavismo, na qual o culto à Vishnu, Rama, Krishna e sua consorte Rhada converte-se na experiência de perceber diferentes manifestações ou personalidades de um único ser supremo. Porém, o Vaishnavismo que influencia o Movimento Hare Krishna é do tipo Gaudiya, que existe como fruto direto da obra e vida de Chaitanya Mahaprabhu – para muitos, uma encarnação de Krishna em sua era. Segundo Adami (2012), a expansão da identidade de Chaitanya e a assimilação de que ele foi uma reencarnação do próprio Krishna são fundamentos raízes do Vaishnavismo Gaudiya e do próprio Movimento Hare Krishna.

---

## **Carisma e desígnios de contracultura enquanto elementos sedutores do movimento**

Parece bastante determinante o fenômeno carismático do Movimento Hare Krishna e de seu ideólogo Prabhupada na consecução de popularidade para a tradição religiosa. Inscrita no fervor da contracultura em seus anos iniciais, a adesão de devotos e fiéis pode ser entendida também sob a perspectiva de protesto latente contra as forças implicadas no avanço do capitalismo industrial e da tecnologia, no imperialismo devastador das grandes nações, a exemplo das incursões colonialistas promovidas por EUA e Reino Unido, e como reação a uma espécie de conservadorismo social. Isso é, a segunda metade do século XX foi palco de eventos marcantes para uma reflexão sobre o curso da história. Em última instância, a própria Guerra Fria e o embate de valores em muito refletiu na difusão do Movimento Hare Krishna.

A oposição à ordem da sociedade tecnológica e o afastamento da cultura dominante eram os pontos centrais para a geração de jovens da época do movimento da contracultura, que acabaram por estimular diversos novos estilos de vida. Esta oposição uniu-se a um interesse pelo "exótico" como forma de negar os modelos dominantes, estimulando o surgimento de diversas novas "comunidades", inclusive as associadas a um "misticismo oriental". (BALDELLI, 2017, p. 97)

A contradição do cenário descrito reside no fato de que as religiões, e aqui se inclui o Vaishnavismo dos hare krishnas, são fundadas em base dogmática, pouco mutável em termos interpretativos. Portanto, não parecia evidente que o movimento de Prabhupada se tornaria um lócus sobre o qual pessoas do mundo inteiro encontrariam refúgio às suas angústias tipicamente modernas. As teorias cognitivas de comunicação, porém, podem ajudar a explicar essa realidade. Dado que, à parte do dogmatismo e doutrinas sectárias, o Movimento Hare Krishna incorpora valores geralmente associados ao humanismo, é razoável assimilar que sua verve política e cultural tenha exercido maior atração do que sua própria constituição sacralizada. Baldelli (2017) aponta, inclusive, que em determinadas regiões do mundo, a exemplo de Lisboa, em Portugal, a ISKCON é referida pelos próprios devotos como um movimento cultural, a despeito da definição de “movimento espiritual” estabelecido por Prabhupada. A autora lembra que a adoção do termo “movimento” tende a exercer papel de dubiedade em decorrência de suas múltiplas significações, sendo utilizada para definir tanto uma novidade paradigmática em áreas como filosofia, artes e ciências quanto para designar uma organização e coletivo que busca a adesão das

---

peessoas.

Muito embora o objetivo fundamental do grupo sempre tenha sido espalhar o culto à Krishna e o cantar do maha-mantra para livrar as pessoas do enredamento material através de práticas devocionais diversas, as escolhas comunicacionais realizadas no campo da divulgação religiosa levaram a constantes reinterpretações e ressignificações sobre a importância do movimento, sinalizando-o claramente no sentido de uma comunidade eremita, simpática, totalmente espiritualista e desapegada ao corpo e prazeres terrenos.

Para isso, também contribuiu fortemente a ampla divulgação midiática a respeito de aventuras realizadas por artistas, atores e grandes personagens da cultura popular em retiros espirituais. No final da década de 1960, por exemplo, a banda The Beatles visitou a Índia em busca de imersão espiritual, e cenas de seus membros em cerimônias e rituais de autorrealização se tornaram populares. Antes disso, porém, Harrison esteve no país em contato com o músico Ravi Shankar, trazendo algumas inovações de volta na bagagem. Um reflexo dessa experiência são os lançamentos do álbum “Revolver”, em 1966, e “Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band”, em 1967, percebidos pela crítica musical como resultado do processo de procura por referências. Tal constatação é embasada tanto pelas letras, teoricamente profundas e reflexivas, como na adoção de instrumentos musicais tipicamente indianos, a exemplo da cítara (BALDELLI, 2017).

Também é notório que George Harrison, o guitarrista do grupo, se encantou com o movimento Hare Krishna, tornando-se devoto até o fim de sua vida. O chamado “beatle místico” contribuiu financeiramente para a ISKCON e ajudou a levar a mensagem dos hare krishnas para todos os continentes por meio de palestras, entrevistas, canções e álbuns solo lançados após a separação dos Beatles, na década de 70. Exemplo latente disso é a publicação do livro *A Fórmula da Paz: Cante e Seja Feliz*, assinado por Prabhupada. A obra explora o contato do movimento com John Lennon e Harrison a fim de, segundo Baldelli (2017), “[...] confirmar a associação dos Beatles com os devotos Hare Krishna” (p. 100).

Outro fato notório nesse sentido ocorre quando Harrison lança a canção *My Sweet Lord* – considerada o maior sucesso em sua carreira particular. Single promocional do álbum *All Things Must Pass* (1974), a música tratava de desprendimento material e abandono dos desejos carnisais em favorecimento de uma postura que levasse ao reencontro com Krishna. Trechos de sua letra, inclusive, continham transcrições literais

---

do maha-mantra e do louvor cristão “Aleluia” em uma clara alusão ao respeito entre as diferentes tradições religiosas existentes.

### **Princípios de comunicabilidade na base da ISKCON**

A oposição entre comunicabilidade e incomunicabilidade é tratada, por Signates (2018), como um conflito típico da essência religiosa. Tal conflito perscruta, primeiro, que os dogmas enquanto verdades indiscutíveis condicionariam a indisposição para a comunicação em decorrência da restritividade dos sentidos, exigindo a convergência em torno de um fato fundante, sem a qual seria impossível acessar a lógica internalizada da religião. Essa realidade aplicada à situação aqui evidenciada, portanto, só poderia ser concretizada por intermédio do acesso simbólico ao aparato pelo qual o Movimento Hare Krishna se faz entender de forma sectária. É nesse complexo que residem as regras e orientações consideradas superiores pelas quais é possível deixar o campo da abstração e avançar para uma zona prática com o propósito de estabelecer a conexão espiritual.

Por outro lado, a necessidade de sobrevivência não pode ser suplantada pelo caráter filtrante dos ensinamentos e escrituras sobre as quais a religião está assentada. É por isso que ela não chega a dispensar a dialogicidade com o mundo secular através de estratégias que incluem, por exemplo, o recurso à mídia. É também desta relação que se torna possível transportar a dicotomia entre sagrado e profano para a circunscrição comunicacional das religiões, fazendo delas um lugar privilegiado para a pesquisa na área (SIGNATES, 2018).

A importância da comunicação para os Hare Krishna está registrada, à primeira vista, em pelo menos três ordens: a espiritual, a pragmática e inter-religiosa. No campo da espiritualidade, a produção e o compartilhamento de sentidos antecedem a redação dos comentários modernos feitos por Prabhupada sobre o Gita e, de alguma forma, até mesmo à escrita dos Vedas. Isso é aferido no fato de que a origem dos vaishnavas se baseia no extenso diálogo face a face que existiu entre Krishna e Arjuna durante a batalha. De uma conversa profunda e dotada de questionamentos filosóficos – embora voltada para a adoção de estratégias efetivas no combate aos adversários – são extraídos os princípios reguladores do Movimento Hare Krishna, bem como as orientações necessárias à manutenção do caminho estável e de autoconhecimento que eles acreditam poder levar à autorrealização.

Porque o diálogo entre Arjuna e Krishna fora entendido como a tentativa do mestre

---

supremo de instruir um discípulo, a lógica de orientação espiritual estabelecida em que encontros pessoais nas quais a troca de conhecimentos e impressões impera foi transposta para a realidade dogmática do Movimento Hare Krishna. Como líder fundador e propagador da filosofia religiosa reinventada por Chaitanya Mahaprabhu, Praphubada se tornou precursor da necessidade de se selecionar uma espécie de tutor espiritual responsável por possibilitar os avanços na trilha religiosa. Uma vez que os aspectos tipicamente espirituais do segmento pertencem a uma ordem de comunicação em que claramente é requisito obrigatório se subordinar a outro membro mais experiente, é possível vislumbrar que os fluxos discursivos respeitam a um conjunto de hierarquias verticalizadas.

Em nível de horizontalidade, é o próprio relacionamento interpessoal entre os membros abaixo da linha mestra de relevância na cultura Hare Krishna que faz a diferença. A organização comunitária é imprescindível para a programação de atividades conjuntas e que são prescritas pelos integrantes pertencentes às instâncias consideradas superiores. A fala, a escrita e até mesmo a comunicação semiótica tomam papel de destaque na realização de cultos e na subsistência de uma troca simbólica refletida com a expressão em trajes, adornos, maquiagens e variados objetos devocionais.

Outro aspecto fundamental e amplamente reconhecido como definidor da comunicação dos hare krishnas é o cantar do maha-mantra, entendido pela enunciação capaz de formalizar a nível espiritual o contato dos seres humanos ou das entidades vivas presentes no plano material com Krishna. Embora o mantra esteja vinculado a uma doutrina dogmática que se materializa também na escrita verbal, nitidamente percebe-se que é a sua vocalização o recurso capaz de torná-lo elemento transcendental.

Dessa forma, os sankirtanas – práticas ritualizadas de canto de mantras, mas ainda de outras canções – se configuram como marca de comunicabilidade do processo espiritual no movimento. Isso porque, se ele geralmente é executado dentro das cerimônias realizadas nos templos e encontros dos membros do próprio Movimento Hare Krishna, também não deixa de estar presente nas ações externas de divulgação pública da filosofia vaishnava, inclusive como produto de estética suficientemente apurada para chamar a atenção dos transeuntes que se deparam com a manifestação nas ruas e semáforos.

Não obstante, a comunicação dita espiritual ainda permanece bastante

---

assimétrica quando consideramos os cultos e as práticas adotadas pelos devotos em concordância com a doutrina religiosa dos vaishnavas. Bom exemplo disso é que a alimentação típica dos hare krishnas inclui um ritual em que o consumo dos alimentos vegetarianos preparados só se consolida após os insumos serem ofertados diante de uma imagem ou quadro que possa representar a figura suprema de Krishna.

É necessário ressaltar, porém, a clara distinção existente entre a comunicação propriamente dita e o mercado da comunicação (PACE, 2009), da qual hoje muitas religiões – e, em alguma medida, também os hare krishnas – se aproveitam para potencializar o alcance de suas vozes na tentativa de estabelecer um primeiro contato com as pessoas e, depois, suscitar a curiosidade. O fator comunicacional no movimento vaishnava referencia-se, na verdade, pela construção de um conjunto de códigos distintivos externos que se converterão, posteriormente, em diferenciação interna, como costuma ocorrer nas religiões, segundo Pace (2009).

O fundamento pragmático da comunicação do movimento Hare Krishna está presente no desenvolvimento de atividades voltadas para a disseminação da cultura vaishnava pelo mundo através de livros comentados, revistas serializadas e artigos publicados em um site institucional. O cruzamento entre as possibilidades materiais de comunicação para transmissão do conteúdo dito espiritualizado é resultado direto do envolvimento dos hare krishnas e, especialmente, de seu líder, Prabhupada, com o ideário industrial e fortemente influenciado pelo capitalismo assim que o movimento se estabeleceu mais firmemente nos EUA.

Na verdade, Prabhupada já escrevia bastante antes mesmo de iniciar sua jornada em busca de novos horizontes na América. Seu desejo de editar uma revista na qual pudesse veicular o trabalho que fazia acabou se refletindo na criação da revista designada *De Volta ao Supremo*, publicada por algum tempo na Índia mediante um acordo financeiro com um profissional local. A estratégia se desfez assim que os recursos escassos de Prabhupada acabaram por completo e se tornou inviável dar continuidade à revista, mesmo em nome da suposta amizade que existia entre o líder espiritual e seu amigo editor (KRISHNA.COM, 2015?).

Dessa maneira, a decisão arriscada de desembarcar nos Estados Unidos pode ser entendida a partir da necessidade que Prabhupada enxergava de globalizar a filosofia védica começando um grande núcleo geopolítico em evidência, porém, sob outra ótica, parece ter sido uma deliberada iniciativa de caráter empresarial com fins de se



---

conquistar não só adeptos, mas também investidores e credores capazes de aportar dinheiro no projeto empreendido.

Outro aspecto da comunicabilidade dos hare krishnas está na valorização do diálogo inter-religioso. O Movimento Hare Krishna se orgulha de manter uma relação bastante cordial com outras religiões em que pese o seu sectarismo. É possível interpretar, contudo, que essa postura decorre do fato de o Movimento Hare Krishna não ser necessariamente uma religião original, fundada em princípios nunca apresentados no debate teológico. Ao contrário ele surge a partir de uma ramificação do hinduísmo, se apropriando de determinadas matrizes.

É preciso, porém, retomar a discussão sobre a definição de seita e sectarismo para os novos movimentos religiosos. De acordo com Rodrigues (2008), há uma concepção pejorativa a respeito dessas expressões porque elas geralmente são utilizadas para representar segmentos que se formam a partir de rupturas em relação às organizações eclesiais tradicionais. Portanto, inclusive como característica de distinção, elas buscam se apoiar em critérios exclusivistas, com admissão dificultada, embora tendam ao conversionismo como estratégia de subsistência, desembocando no proselitismo com vistas à conquista de novos adeptos.

As seitas se configuram também como perigo para as instituições econômicas e políticas, superando a noção estabelecida de que sua existência ameaça apenas o poder conservado das igrejas oficiais (TROELTSCH apud RODRIGUES, 2008). Nesse sentido, a inserção do Movimento Hare Krishna enquanto elemento contracultural se encaixa muito bem ao conceito, já que ele se tornou uma espécie de refúgio e abrigo para os indivíduos que visavam abalar a ordem dominante. Apesar disso, várias outras características definem seita:

1. Organização com uma estrutura simples e pouco burocratizada, quase sempre sem a distinção entre clérigos e leigos.
2. Associação voluntária, mas exclusivista, ou seja, os membros da seita não podem pertencer a uma outra organização.
3. A seita, que nasce normalmente no seio de um movimento religioso mais amplo, reivindica a exclusividade, o monopólio da “verdade” religiosa.
4. O líder religioso é o mensageiro da “verdade suprema”; quase todos os fundadores de Igrejas e outras confissões religiosas, legam aos seus fiéis, de uma forma oral ou escrita, as suas experiências marcantes do contacto com o sagrado.
5. Os seus membros, que “renascem” numa nova espiritualidade, consideram-se os eleitos, ou seja, que foram escolhidos por Deus, pelo líder (o guru) ou outra entidade religiosa, para desempenhar um importante papel no mundo.

6. O proselitismo é seletivo, ou seja, a tentativa de conversão incide apenas sobre um número reduzido de pessoas.
7. Apoia-se na conversão pessoal, que implica mudanças radicais no modo de vida e uma forte componente emocional.
8. Adotam idéias e comportamentos muito próprios e exclusivos.
9. Todos os seus membros tendem a uma “perfeição” holística como ser humano.
10. Propaga a ideia que pertencer a ela é um prêmio aos méritos pessoais do pretendente, tais como: conhecimento da doutrina, experiência de conversão, recomendação de um membro mais antigo.
11. Há grande participação dos leigos nas cerimônias religiosas.
12. Durante os cultos os membros devem expressar a sua total fidelidade ao líder.
13. É pouco dialogante e defende energicamente a sua ideologia, provocando, quase sempre, um enorme isolamento do mundo.
14. Quanto à relação com a sociedade, com o Estado e com as Igrejas e religiões históricas (oficiais e/ou majoritárias), a seita tem um caráter contestatário, no que se refere aos valores, costumes e às normas sociais predominantes na sociedade.
15. Algumas seitas, que se assumem como um grupo fundamentalista radical, adotam uma atitude hostil e até mesmo de violência contra os não-membros do movimento.
16. Retiram os seus membros do seio familiar e da sociedade, para viverem em grupo, impondo-lhes, assim, os seus próprios critérios morais e de comportamento e obrigando-lhes a tomarem parte em quase todas as atividades do grupo.
17. Quem defender opiniões contrárias às doutrinas da seita ou violar as normas básicas de comportamento, éticas ou da organização, será punido internamente. Mas, de acordo com a gravidade da situação, também poderá ser expulso, perseguido pelo grupo, e até mesmo pagar com a própria vida o ato de traição. (RODRIGUES, 2008, p. 26-27).

Não parece existir um consenso sobre a necessidade de que apenas o atendimento de todos os requisitos mencionados anteriormente constituam uma seita, enquadramento pelo qual o Movimento Hare Krishna certamente acabaria excluído. Por outro lado, ainda que pareça ser grande incongruência que o sectarismo brando dos vaishnavas possa resultar em algum grau de inter-religiosidade, é necessário ressaltar que as duas características podem existir, mesmo que de forma conflituosa, quando o movimento religioso abre mão de determinados predicados ou flexibiliza condicionantes dadas antes como absolutas. Para Teixeira (2003), o exercício do diálogo inter-religioso exige o atendimento de diversos requisitos que podem ser sintetizados nos seguintes itens: a humildade, o reconhecimento do valor da alteridade, a fidelidade à tradição, a abertura à verdade e a capacidade de compaixão.

A inter-religiosidade dos hare krishnas é abstraída, dentre outros elementos, da crença sobre os avatares. Isso é, que Krishna assume, de tempos em tempos, uma forma

---

material para se relacionar com as entidades vivas. Os avatares, portanto, seriam como encarnações físicas da expressão celestial da Suprema Personalidade de Deus. Tal doutrina preconiza uma espécie de respeito absoluto aos deuses e figuras místicas de outras religiões, o que funciona como princípio de tolerância e contribui para reforçar a narrativa de validade dos hare krishnas, já que em alguns casos tais deuses e figuras místicas são encarados como avatares não oficializados na literatura védica – a exemplo de Jesus Cristo, uma encarnação de Krishna para Prabhupada.

A dialogicidade da comunicação, nesse caso, surge também como fruto positivo da delimitação de claras diferenças entre as mais diversas doutrinas espirituais. Segundo Teixeira (2003), o acirramento de distinções no campo religioso tem promovido um cenário responsável por uma “espiral degenerada de comunicação”, como o próprio autor define, embora admita que é também esse o motivo potencial para a criação de um espaço de “afirmação de um novo entendimento e solidariedade mútuos” (p. 20).

O poder da comunicação dos hare krishnas também flexiona uma zona delimitadora de acesso ao conteúdo simbólico do hinduísmo, religião milenar, plural e conhecidamente politeísta. É que a filosofia vaishnava se desdobra a partir dos alicerces hindus enquanto tece uma particular cosmologia religiosa que se destaca fortemente em relação às demais vertentes por seguir numa linha monoteísta, elevando Krishna à posição de Suprema Personalidade de Deus.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A incomunicabilidade parece ser parte fundamental do processo de resignação das religiões diante do mundo secular. Os seus dogmas formam guetos comunicacionais nos quais o compartilhamento de sentidos e ideias é restrito a um universo fechado, cujo objetivo último não é se abrir, mas obter maior capilaridade no seio social a partir dos sentidos que encerra. Apesar disso, a habilidade inexistente de interação com cosmologias não reconhecidas pela perspectiva do conjunto simbólico auto atribuído é apenas uma das diferentes facetas dos aspectos comunicacionais presentes nas religiões, cada uma regida por estruturas e nuances repletas de peculiaridades.

Admitindo que é impossível estabelecer pilares universais para enquadrar todas as religiões sob uma ótica comunicacional uníssona — embora várias delas guardem semelhanças diversas —, este artigo de caráter teórico-reflexivo apresentou interpretações a respeito do contexto comunicacional e dos princípios de

comunicabilidade do Movimento Hare Krishna por via dos processos aparentes de busca pela autorrealização e de sua relação estreita com a contracultura e a cultura pop.

Adotar esse viés interpretativo não implica, porém, em negar a incomunicabilidade visível no sectarismo dogmático presente nessa doutrina, assim como em tantas outras, mas visa privilegiar o objeto de nosso estudo: a comunicação. Ao canalizar esforços para uma interpretação possível da comunicabilidade no Movimento Hare Krishna, acreditamos estar contribuindo para o campo à medida que introduzimos um elemento terceiro à tradicional dicotomia entre comunicabilidade e incomunicabilidade, refletida a partir da própria dualidade entre sagrado e profano. Se trata de um fio de inter-religiosidade enquanto atributo capaz de ultrapassar a noção dogmática de “caminho possível” para se “re-ligar” à espiritualidade.

## REFERÊNCIAS

ADAMI, Vitor Hugo. **Modelos e Moldes de tradições: a hermenêutica do movimento Hare Krishna (ISKCON) sobre a tradição Gaudiya Vaishnava**. *Sacrilegens*, vol. 9, n° 2: 86-104, 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2013/03/9-2-8.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BALDELLI, Debora. **Movimento Hare Krishna, contracultura e música popular**. *Revista Debates*, UNIRIO, n. 19, p.91-111 nov., 2017. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/28613/1/BALDELLIMovimentoHareKrishna2017.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

ISKCON. O Movimento Hare Krishna na América do Norte tem raízes na tradição antiga Vaishnava da Índia. [S.I.] 2015. Disponível em: <<http://www3.iskcon.com.br/wp-content/uploads/2015/10/2-Ra%C3%ADzes1.pdf>>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

KRISHNA.COM. Como surgiu a Revista de Volta ao Supremo. [S.I.] [2015?]. Disponível em: <<http://pt.krishna.com/como-surgiu-revista-de-volta-ao-supremo>>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

PACE, Enzo. **Narrar a Deus: a religião como meio de comunicação**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2009, 24 (Junio-Sin mes). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10713662001>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

RODRIGUES, Donizete. Novos movimentos religiosos: Realidade e perspectiva sociológica. **Revista AntHropológicas**, [S.I.], v. 19, n. 1, set. 2008. ISSN 2525-5223. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23660/1931>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

SIGNATES, Luiz. A comunicação, entre o dogma e a conversão: o especificamente comunicacional na religiosidade contemporânea. **Estudos de Religião**, v. 32, n. 3, p. 27-49, 2018. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/7720>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

TEIXEIRA, Faustino. O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, p. 19-38, ago. 2003. ISSN 2175-5841. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/596/623>>. Acesso em: 15 jun. 2019.